

PAULO HENRIQUES BRITTO

Mínima lírica

2ª edição


COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Paulo Henriques Britto

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Revisão

Jane Pessoa

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Britto, Paulo Henriques

Mínima lírica / Paulo Henriques Britto. — 2ª ed. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2310-0

1. Poesia brasileira I. Título.

13-07186

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

LITURGIA DA MATÉRIA (1982)

I

Três peças fáceis, 15

Barcarola, 15

Noturno, 17

Scherzo, 20

Dez sonetos sentimentais, 23

Duas bagatelas, 33

Três lamentos, 35

Natureza morta, 38

Balancete, 39

II

Concerto campestre, 43

Piada de câmara, 44

Logística da composição, 45

How it is, 46

Dos nomes, 47

Liturgia da matéria, 48

Gênese, 48

Ascese, 49

Graça, 50

Credo, 51

Revelação, 52

Teogonia, 53

Profissão de fé, 54
Três epifanias, 55
Elogio do mal, 58
Materiais, 60
Insônia, 61
Persistência do sonho, 62
Of consciousness as a kind of toothache, 64
Espiral, 66
Duas fábulas sem moral, 67
O aqualouco, 69
Uma criatura, 70
Memento, 71
Dos rios, 72
Poema-posfácio, 73

MÍNIMA LÍRICA (1989)

Para não ser lido, 77
Álbum, 78
 Mantra, 78
 Geração Paissandu, 79
 Queima de arquivo, 80
 Flyleaf, 81
O fascínio do fácil, 82
Noites brancas, 83
Dois sonetos sentimentais, 89
Dois amores rápidos, 91
Pour Elise, 92
O turista apressado, 93
 Museu do Louvre, 93
 Museu Britânico, 94

Café Costes,	95
Ponte Vecchio,	96
Aeroporto qualquer,	97
Indagações,	98
Para João Cabral,	98
Para Augusto de Campos,	99
<i>Minima poetica,</i>	100
Utilidade da insônia,	104
Pomo,	105
Aura,	106
Ontologia sumaríssima,	107

Liturgia da matéria
(1982)

Três peças fáceis

BARCAROLA

eu e (você) andando
, de mãos emprestadas, quase pelas ruas,
sem olhar pra cima nem pros lados nem pra frente,
porém em direção ao Futuro. Ou ao Eterno. Ou ainda: ao
[Sublime.

Ou coisa que o valha, ou qualquer coisa
que não valha nada,

eu e (você)
, nós dois, na noite quase escura,
pulando pelos paralelepípedos da rua asphaltada
brincando de amarelinha sem linhas nem pedra,
saltando por cima das regras, sem ligar a mínima,

eu e “você”, sem fôlego, sem direção,
furando sinais, cruzando fora das faixas,
comprando coisas em lojas fechadas
na parte mais feia da cidade
temporariamente morta,

eu e “(você)”, sem tempo, sem horário, sem
pressa nem propósito,
cortando a vitrine com o diamante do anel que
estamos tentando roubar da vitrine
que estamos cortando
com o diamante do anel que ainda vamos roubar

, eu e quase você, bêbados, desbundados, tontos de sono,
prostrados na praia artificial
polindo na areia plástica
a pedra do anel que a gente ia roubar
contando as estrelas que o dia já apagou
vendo o sol nascer às avessas
esperando o barco.

— Ó, lá vem lá o barco!
o barco.

NOTURNO

1. O zumbido do silêncio
insiste em nos atordoar
mas as nuvens que ainda restam
desistiram de tentar
parecer alguma coisa
e ao nos ver tão despertos
as derradeiras estrelas
se arregalam espantadas
com nossa imobilidade

e nós inertes e mudos
olhos fixos no escuro
constatamos insones
nossa intensa solidão.

2. No indevassável do vento
alguma coisa se esboça
tênue lagarta de ar
roça no ventre da noite
desce macia e mansa
como um gato incerto
sobre um possível muro
toda pelos e patas

pousa como um inseto
em nossos peitos nus
gorda e invisível
como um gesto escuro.

3. Quando meus lábios sem língua
se aproximarem sem pressa
de teu corpo compenetrado
será um beijo comprido
seco firme controlado
que o tempo é lento e sem fim
e tua carne gelada.

E quando nossos corpos se encontrarem
na extensão total de nossa pele
e nossos braços se tornarem tensos
e nossa insônia se intensificar
será um contato puramente elétrico
um espasmo apenas, ato instantâneo
contundente e final, mecânico e exato
como o cravar de um punhal.

4. E quando por fim nossos olhos exaustos
pesados de noite pensarem enxergar
ao longe uma espécie de vago clarão
não vamos saudar a manhã que nasce
não vamos cantar hinos claros ao dia
não vamos dançar ritmos febris
em homenagem ao sol.

Vamos fechar os olhos importunos,
vamos pensar em coisas limpas e escuras
como a noite.

E se o dia insistir em raiar
só nos resta uma coisa a fazer
que é irmos embora, em direções opostas.

SCHERZO

Ontem à noite, eu e você,
em plena cumplicidade
em vez de fechar as janelas
como todo mundo faz
deixamos as nossas abertas
só pra ver o que ia dar.

Deu nisso:
varreu as ruas um vento
saído de nossas janelas,
de dentro de nossas gavetas
onde nós há tanto tempo
guardávamos tempestades
pra algum dia especial
(que acabou sendo ontem).
O vento levou pedaços
de céu que atravancavam
nossos sóbrios conjugados;
enormes nuvens incômodas
rolaram janela afora
feito lerdos paquidermes
e se esparramaram a valer.
O ar fresco inesperado

de nossos apartamentos
causou transtornos na rua:
os transeuntes, coitados,
tossiam intoxicados
por excesso de oxigênio;
cambaleavam às tontas
pelas calçadas vazias.

Fui eu o primeiro a jogar
em baldes pela janela
a água clara que jorrava
de fontes desconhecidas
em áreas inexploradas
sob a cama e atrás do armário,
mas foi você quem soltou
do alto do oitavo andar
as primeiras plantas aquáticas,
os peixes, répteis e aves;
eu, porém, instituí
o pelo e o viviparismo
dos mamíferos essenciais.

E como as ruas já estavam
inteiramente povoadas,
e como já os postes da Light
todos tinham evoluído
em árvores colossais,
e como ainda não eram
nem três horas da manhã
e já estava terminado

o grosso da Criação,
descemos até a rua
em busca de um bar aberto.
No primeiro que encontramos
nossos milagres caseiros
eram o assunto geral;
e nós, sedentos e incógnitos,
pedimos duas cervejas
e ficamos contemplando
sem espanto nem orgulho
a grama tenra e miúda
que brotava a nossos pés.